

### Afinal, o que é Lusofonia?

por Emerson Santiago

emerson@opatifundio.com

### Uma breve reflexão...precisa ser ex-colónia portuguesa para pertencer ao grupo da lusofonia?



Quando eu era criança em Franca, interior de São Paulo, Brasil, dois acontecimentos me marcaram com relação ao assunto língua portuguesa. O primeiro foi quando eu ouvi pela primeira vez um português falando...era o Roberto Leal, e ele estava no programa do Chacrinha, se não me falha a memória. Eu logo perguntei aos meus pais, que estavam por perto, qual era o problema com a boca daquele moço...decerto tinha algum problema físico, para falar daquele jeito todo truncado...eles logo esclareceram que se tratava de um português, que eles falavam a mesma língua que nós, só que daquela maneira, e coisa e tal.

O segundo foi quando eu ganhei uma coleção de selos estrangeiros de uma colega de trabalho de meu pai, ambos dentistas no SESI (Serviço Social da Indústria, uma entidade pública brasileira). Eu percebi que havia uns selos falsificados (claro que eram falsificados...estavam escritos em português!) e fui falar com o meu pai sobre os tais selos...ele então me explicou que tratavam-se de selos angolanos, (um até com o rosto de Agostinho Neto, o primeiro presidente de Angola) e que em Angola falavam a mesma língua que nós falávamos...isso despertou minha curiosidade irremediavelmente...quer dizer que havia gente fora do Brasil com quem eu podia me comunicar sem precisar aprender outra língua? Até então, tudo o que fazia parte do meu mundo, que viesse do estrangeiro, usava inglês ou outra língua que fosse.

E até hoje essa idéia de que é possível penetrar em culturas completamente diferentes e ainda utilizar um mesmo código linguístico me fascina...porém vejo que o conceito de lusofonia varia radicalmente de pessoa para pessoa.

Muitos no Brasil, Portugal ou outras paragens ainda não se deram conta de inúmeros tesouros escondidos. Esse é o motivo deste artigo, e em última análise, de todos os que escrevi até hoje no Patifúndio. Línguas servem para unir, e não para separar. Se estiverem separando pessoas e informações, é sinal de que o fim do idioma se aproxima.

Exemplo: basta circular pelos fóruns da internet e ler as discussões acaloradas sobre se a Galiza faz parte da cultura lusófona, se deveria aderir à CPLP, se galego é o mesmo que língua portuguesa ou não, e por aí vai. E a questão chatérrima, que nunca desaparece, de que no Brasil não se fala português, mas uma língua que já é independente da de Portugal?

Outro exemplo é o dos países que solicitaram status de membros da CPLP. Muitos torcem o nariz para países como Guiné Equatorial (perguntam, por exemplo, o que Guiné Equatorial tem a ver com lusofonia? E o Senegal então? Mal sabem...). Há ainda a discussão sobre Macau, que até hoje não tem um papel definido no mesmo organismo, e por aí vai...

Enfim, os exemplos abundam. Vão desde os países da CPLP até outros assuntos mais sutis. Nas escolas brasileiras estuda-se literatura portuguesa até o período de Fernando Pessoa. Parece que só há dois mundos a escrever em língua portuguesa, Brasil e Portugal. Nada de Galiza, nada de Guiné-Bissau (alguém aqui já leu um poeta guineense chamado Vasco Cabral? Não sabem o que estão perdendo...) nada de Timor (Francisco Borja da Costa, o autor do hino timorense é outro poeta de brilho ímpar).

E o assunto música? O que é música lusófona? A resposta para essa pergunta equivale a um tratado. Mas o leitor desavisado diria: "ora, música lusófona é música cantada em português".

Então, por quê é que em qualquer programa, livro, website, etc. (qualquer mesmo!) sobre lusofonia, você invariavelmente vai escutar ou ler sobre música caboverdiana? Há algum artista caboverdiano vivendo em Cabo Verde que componha músicas em português castiço?

De forma alguma. Todas as formas musicais daquele país recebem letras em crioulo, uma língua crioula QUE NÃO É LÍNGUA PORTUGUESA. Quem é que compreende as letras daquelas canções a não ser os próprios caboverdianos (e guineenses, são tomenses e antilhanos, pelo fato de suas línguas crioulas serem aparentadas, mas essa é outra face da questão).

Vejam que gozado...por outro lado, nenhum livro, programa ou website atreve-se a incluir música, cultura ou literatura de Aruba e Antilhas Holandesas como parte da cultura lusófona. Essas ilhas utilizam o papiamento, outra língua crioula, QUE NÃO É PORTUGUÊS, MAS TEM BASE PORTUGUESA, ASSIM COMO AS LÍNGUAS DE CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU E SÃO TOMÉ & PRÍNCIPE. O papiamento de Aruba e Antilhas Holandesas é parte do mesmo fenômeno que deu origem às línguas crioulas dos países africanos de língua portuguesa. São parentes, tem a mesma origem, o mesmo DNA. É fácil provar o que eu digo. Se você é caboverdiano, são-tomense ou guineense, acesse o site de qualquer jornal antilhano (há o “Extra”, o “La Prensa”, o “24 Ora”, o “Diario” (Aruba), “Bon Dia Aruba”, etc.) e veja se você compreende o que está escrito lá. Já adianto a surpresa: VOCÊ ENTENDERÁ TUDO.

Agora, se um país como Cabo Verde (onde português é utilizado de fato só nos documentos oficiais e em conversas com estrangeiros) é considerado parte da lusofonia, o que realmente impede que Aruba e Antilhas Holandesas também o sejam? O mesmo se aplica a Guiné-Bissau, São Tomé & Príncipe e Timor. Estarei errando ao dizer que nesses países a língua portuguesa muitas vezes é deixada de lado em favor de outro idioma? Acho sinceramente que não. E nem por isso deixamos de considerar tais países como lusófonos.

A questão é: precisa ser ex-colônia portuguesa para ser lusófono? Se é um território nunca antes ocupado por portugueses, então não conta? Ver a lusofonia como sendo coisa só de ex-colônias portuguesas é enxergar a questão só do ponto de vista europeu. Precisamos enxergar a lusofonia também do ponto de vista sul-americano, galego, indiano, chinês, antilhano, malaio, africano, timorense...

Lusofonia é mais que isso, sem dúvida. É um código acima das gramáticas e das normas dos livros. Eu me convenci disso após aprender como se fala “O que tem para comer?” em papiamento. Para alguém como eu, do interior de São Paulo, um caipira, aquela frase soou estranhamente familiar: “Ki ko tin di cumê?”. Como uma pessoa do interior de São Paulo ou de Minas Gerais falaria? Ela usaria uma frase polida, dos livros de gramática? NÃO, ela soltaria um belo e sonoro: “Kê ki tem di cumê?” Surpresa...papiamento no interior de São Paulo e Minas? Não. Lusofonia. Para um gaúcho, um maranhense ou um português, não haveria qualquer ligação, mas nem por isso eles são menos lusófonos. Isso é o que chamamos de DIVERSIDADE.

E essa diversidade está no papiamento de Aruba e Antilhas Holandesas; no galego da Galiza; nos DPU (Dialeto Portugueses do Uruguai) do Uruguai; nos crioulos de Cabo Verde, Senegal, Guiné-Bissau, São Tomé & Príncipe e Guiné Equatorial; no indo-português da Índia (português castiço em Goa, crioulos de Damão, Diu, Kochi e Korlai); indo-português do Sri Lanka; papiá-kristang de Malaca (Malásia) e Cingapura; e no patuá macaense, de Macau, China.

Para mim, lusofonia é mais que oito países. Em 2010, a Guiné Equatorial, ao que tudo indica, vai se tornar o nono país da CPLP, tendo adotado o português como oficial. Guiné Equatorial possui também um dialeto crioulo de mesma origem do papiamento e crioulos luso-africanos. Então a Guiné Equatorial não é já lusófona? Há aqueles que protestam, com razão, dizendo que dialeto crioulo não é português. Mas, então, por esse critério, deveríamos excluir Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé & Príncipe da CPLP.

É muito simples: já está mais do que na hora de deixarmos de enxergar a língua portuguesa apenas do ponto de vista de portugueses e brasileiros. Pois se não o fizermos, muitos por aí continuarão achando que Roberto Leal tem algum problema de fala e que selos angolanos são falsificados por trazerem escritos em português.

9 de Março de 2010

 **Brasil** O **Santiago** é brasileiro, mas o **Agadornatô** não é. A **Á** é publicada no **Brasil** (cinema) e **na** **Am**